

# Celeridade da Justiça divide opiniões

No mês em que é celebrada, em todas as formas existentes, há quem diga preferir acreditar apenas na divina

Gilmara Costa  
DA EQUIPE JC

Conceito abstrato que se refere a um estado ideal de interação social em que há um equilíbrio razoável e imparcial entre os interesses, a Justiça tem seu dia celebrado neste domingo, 08. Por vezes interiorizada, outras exteriorizadas e levadas ao Judiciário ou mesmo depositada na crença divina, a Justiça tem as suas mais diversas matizes, tardando e falhando para uns, satisfazendo tantos outros na resolução de um conflito arrastado por um longo tempo. Este, aliás, parece não estar disposto a andar de mãos dadas com a deusa Justitia, que, cega, caminha de forma lenta pela trilha do processo, cujo alcance à reta final pode ser tardio.

Exemplo de morosidade, paciência e esperança é a da servidora Karine Lessa Dantas, que há mais dez anos aguarda a condenação do condutor que atropelou e matou o seu pai. “É muito devagar. Nesse período todo só tivemos audiência de conciliação e já deixamos claro que não queremos conciliação, mas até agora não houve nenhum julgamento. Acho que deveriam existir prioridades para dar uma maior celeridade a certos processos. Em alguns setores, como no caso dos Juizados, o processo é mais célere, mas, no geral, é lento”, revelou Karine.

Com a mesma percepção de uma necessidade de maior celeridade nas resoluções dos feitos, a juíza substituta da 14ª Vara Cível, Iracy Ribeiro Manguieira Marques, aponta a agilidade como o desafio atual do Judiciário. “Acredito que a Justiça hoje tem o desafio de vencer a questão de ser efetiva e ser célere. Em momentos passados o desafio da Justiça era se tornar acessível à população. E hoje as pessoas procuram mais a Justiça, passando o nosso desafio ser o de poder produzir decisões justas com rapidez e efetivamente venham, na verdade, solucionar aquele litígio que nos foi apresentado”, explicou a magistrada.

No entanto, ela frisa que a celeridade deve ser implementada sem a perda do tratamento

análise e efetivação do bom direito. “Sou uma pessoa otimista e nessa nova geração de juízes acredito que vamos conseguir produzir pessoas comprometidas com essa dimensão da Justiça, de efetividade, de humanidade, de entender o conflito não apenas na sua dimensão técnica, mas partindo do pressuposto que aquilo ali é protagonizado por seres humanos, por pessoas que estão ali num momento de adversidade, num momento de problema e que precisam do Judiciário para compor e resgatar a paz tão importante para todos nós.

A Justiça antes era muito formal, extremamente técnica, erudita. Mas acho que a Justiça de Sergipe, em especial, tem tido esse compromisso de avançar e inovar”, afirmou.

## JUSTIÇA SEJA FEITA

Sem nunca ter recorrido ao Judiciário para a resolução de algum conflito, o comerciante Francisco Gleimar Rodrigues reconhece como um bom exemplo de justiça a condenação dos envolvidos no esquema de corrupção que ficou conhecido por “Mensalão”. “Em âmbito nacional, acredito que tenha sido o mais histórico exemplo de que a justiça é feita. Com o julgamento do Supremo

Tribunal Federal, penso que cada brasileiro voltou a acreditar no seu país e manter a esperança de que podemos mudar, para melhor”, afirmou.

Já o profissional de Educação Física Gustavo Bioni ressaltou a atuação do Ministério Público e da Justiça Trabalhista como modelos de defesa dos direitos coletivos e individuais. “Ações sociais, melhorias nas condições de trabalho, uma série de setores de atuação que nos mostra a concretização de uma Justiça que carrega o estigma de morosa, de burocrata. Mas há setores que caminham bem, que têm um tempo razoável de resolutividade das ações. E isso é muito bom”, disse Gustavo.

ESERGIPE  
FEDERAL DE JUSTIÇA  
DE COMUNICAÇÃO  
DE JORNAIS

